

MARGENS DO SUJEITO NO ESPAÇO URBANO¹

Carolina Padilha FEDATTO

Resumo: Minha dissertação tem como foco os modos de significação do sujeito na cidade. Recortei o espaço do cruzamento de ruas, as esquinas, semáforos, calçadas, sarjetas na relação com aqueles que passam e *permanecem* na rua: pedindo, trabalhando, brincando, divertindo. Ao tomar a materialidade simbólica da cidade, textualização de *língua e imagem*, como ponto de entrada para compreender as formulações do sujeito no espaço, suas margens no meio da rua, discuto a tensa relação entre a cidade, o urbano e o social. Uma relação que é formulada diferentemente em espaços disciplinares (urbanismo, sociologia, geografia), institucionais (leis, campanhas governamentais, políticas públicas) e no cotidiano da cidade (com sujeitos significando/modificando/habitando o espaço). Para compreender, na ordem própria da cidade, os sentidos de *margem* textualizados nos cruzamentos, analiso montagens de flagrantes da cidade numa relação com montagens de definições do espaço e dos sujeitos que estão nos *entre-meios* da urbanidade. A análise dos diferentes modos de circulação do sujeito na cidade – seus sentidos textualizados em enunciados de jornal, leis e campanhas, fotografias do cotidiano nas ruas, dicionários – me fez compreender que o sujeito, com sua presença, sua permanência: insistência, repetição, constrói formas de resistir ao imaginário da fragmentação.

Palavras-chave: Vida urbana – Aspectos sociais; Análise do Discurso; Texto.

Résumé : *Ma dissertation focalise les modes de signification du sujet dans la ville. J'ai coupé l'espace du croisement de rues, les coins, les feus rouges, trottoirs, guides dans la relation avec ce qui passe et reste dans la rue: en mendiant, en travaillant, en jouant, en amusant. En prenant la matérialité symbolique de la ville, la mise en texte de langue et image, comme point d'entré pour comprendre les formulations du sujet dans l'espace, ses marges au milieu de la rue, je discute de délicates relation entre la vile, l'urbain et le social. Une relation qui est formulée différemment en espaces disciplinaires (urbanisme, sociologie, géographie), institutionnels (lois, campagnes gouvernementels, politiques publiques) et dans le quotidien de la ville (avec de sujets*

1 O presente artigo é uma versão resumida de minha dissertação de mestrado que leva o mesmo título, orientada pela Prof.^a Dr.^a Suzy Lagazzi-Rodrigues e defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp em 2007.

en signifiant/modifiant/habitant l'espace). Pour comprendre, dans l'ordre propre de la ville, les sens de marge textualisés dans les carrefours, j'analyse de montages de flagrants de la ville dans une relation avec de montages de définitions de l'espace et des sujets qui sont dans les croisements de l'urbanité. L'analyse des différents modes de circulation du sujet dans la ville – ses sens textualisés en énoncés de journal, lois et campagnes, photographies du quotidien dans les rues, dictionnaires – m'a fait comprendre qui le sujet, avec sa présence, sa permanence: insistance, répétition, construit formes de résister au imaginaire de la fragmentation.

Mots-clé: *Vie urbaine – Aspects sociaux; Analyse du Discours; Texte.*

O cruzamento de ruas é um momento de parada, de proximidade, de espera, de fluxo dos sujeitos urbanos; e um espaço de in-visibilidade, de intervalo, de interrupção em sua estrutura. Trecho da cidade exposto a diferentes gestos de interpretação pela confusão, profusão, pela interseção de ruas, sujeitos, sentidos. O cotidiano da cidade nos mostra diferentes formas de estar sujeito: passando ou esperando: organizadamente; pedindo, vendendo, roubando, trabalhando, divertindo...: (im) previsivelmente. Espaço específico de interpretação de sentidos na cidade: lugar de observação e recorte de análise. Olho para os cruzamentos buscando compreender a textualização do sujeito no espaço, deixando-me atravessar pelos sentidos de social que a cidade faz circular. Meu modo de entrada nessas questões se ancora na circulação da linguagem, do sujeito: sua corporificação na cidade. Trabalhamos a cidade como uma configuração específica dos modos de materialização desse espaço, forma material (ORLANDI, 2001), lingüístico-histórica, de um espaço no qual uma forma-sujeito se textualiza. Na cidade, espaço e sujeito demandam interpretação. Como compreendê-los considerando que o jogo simbólico-político da cidade vai se constituindo num atravessamento do urbano, num transbordar do cotidiano? No ir e vir de teoria e prática, transito pelas margens e cruzamentos espacializados, simbolizados na cidade. Como meninos de rua, pedintes, malabaristas, vendedores ambulantes significam e são significados em faixas de pedestres, nos espaços entre os carros, no meio fio, nas esquinas?

A maneira discursiva de trabalhar os sentidos da palavra público, como espaço urbano comum aos seus habitantes (ORLANDI, 2003), abre para uma reflexão sobre os modos de sociabilidade, de relação dos sujeitos com o real da cidade e também sobre o que significa ser sujeito na cidade: habitá-la. O espaço público urbano é a materialidade que sustenta os sentidos possíveis para a relação entre sujeito e cidade, a natureza dessa relação é função do modo como, na cidade, significamos os espaços comuns: ruas, calçadas, cruzamentos, esquinas, guias. Espaços de entre-meio. Espaços que entremeiam sujeitos e sentidos pela união e pela dissolução de laços sociais. A rua é um espaço de contato, espaço comum, público. Do povo, daqueles que a habitam. De todos, de qualquer um. Essa minha pesquisa de mestrado pretendeu lançar uma compreensão sobre as diferentes formas de apropriação disso que é comum, público, urbano, esse lugar quotidianamente tomado, ocupado, habitado por sujeitos que escapam ao planejamento. Isso nos mostra que o imaginário da organização se confronta com o real da cidade resignificando os sujeitos, o espaço, as maneiras de se relacionar nele. Por isso para mim é forte trabalhar o espaço urbano comum como um espaço que entremeia. A noção de entremeio intervém no modo como os sentidos da cidade se formulam: em diferentes materialidades, na língua, na imagem, na sonoridade: flagrantes, momentos, rastros, ruídos, texturas, barulhos, rumores. Cidade textualizada: seus efeitos de sentido transferidos, decalcados, espaçados, espalhados, estilhaçados no conjunto significante do quotidiano. Trabalho, portanto, a linguagem em suas diferentes formas materiais como significantes na história. É no entrecruzamento de diferentes materialidades que as regularidades discursivas devem ser buscadas, compreendidas (LAGAZZI-RODRIGUES, 2003). A materialidade faz parte das condições de produção do discurso: o sentido é sempre produzido na *relação a*, atualizado em palavras, vozes, lugares, escritas, grafias, imagens, vultos, flagrantes, espaços, memórias. Por e para sujeitos numa produção de efeitos de sentido *entre* locutores (PÊCHEUX, 1969).

Os discursos sobre a cidade: enunciados, leis, reportagens, olhares, fotografias foram os pontos de observação que me fizeram questionar como o real da cidade intervém nos modos de significar o urbano e o social. Estou partindo da hipótese de que ao olharmos para diferentes materialidades damos conseqüência à noção de prática discursiva: intermitência, in-constância do legado de significar o mundo; aproximando-nos de uma compreensão em profundidade da cidade: ângulos de sua ordem, de seu funcionamento. Meu trabalho se vincula ao projeto temático *A produção do consenso nas políticas públicas urbanas: entre o jurídico e o administrativo* (CAeL, Fapesp, 2004) partilhando a postura de que a noção de consenso traz como conseqüência a *segregação*, o apagamento das contradições sociais como uma proposta de igualdade, seja de oportunidades, de necessidades, de direitos. Esse achatamento da desigualdade fecha um espaço de elaboração da diferença enquanto processo de identificação coletivo, desigual, diverso: possibilidade de estabelecer laços sociais. A igualdade entre os indivíduos é uma premissa do Estado moderno, mas as políticas públicas deveriam levar em conta a diversidade constitutiva dos sujeitos, fazendo com que o político administre conflitivamente a produção da cidade enquanto espaço de diferença. Diferença que busquei compreender através da relação das políticas públicas urbanas com a política de sentidos da cidade, situando de que maneira espaços e sujeitos significam e como funcionam o urbano e o social nesse processo. A reflexão encaminhada pelo CAeL faz compreender que há um funcionamento ideológico determinando *disjuntivamente* o que fica fora *ou* dentro, incluído *ou* excluído, no centro *ou* na margem. Orlandi (1999) nos mostra que o real sócio-histórico da cidade é sobredeterminado pelo imaginário urbano da organização. Quando, discursivamente, tomamos a *unidade* como efeito necessário à convivência com o real da dispersão estamos dizendo que o urbano pode configurar uma visibilidade da *ordem da cidade*. Mas há muitas maneiras de formular a noção de urbanidade. Retomo, aqui, a diferença que Orlandi (1996, 1999) faz entre *ordem e organização*. A busca por uma organização é sempre prescritiva, ao passo que o analista do discurso se pergunta

pela *ordem no sentido do funcionamento*. O urbano, formulado normativamente, tende a olhar para a cidade de maneira dualista: simplesmente coloca para fora o que não se encaixa nas regras (do bem coletivo, das boas maneiras, da higiene, do bem-estar geral, da boa circulação) ou, o que é pior, tenta *enformar!* Minhas questões enfocam esse efeito de sobredeterminação da cidade pelo urbano, do político pelo administrativo, buscando compreender como o social fica aí significado.

Quando analisei, por exemplo, a *Lei Orgânica de Assistência Social*, notei um funcionamento tenso entre as “proposições de aparência logicamente estável” e as “formulações irremediavelmente equívocas” (PÊCHEUX, 1983). Objetos discursivos aparentemente estáveis – como a idade, a renda, a escolaridade – são interpretados como sendo independentes dos dizeres produzidos sobre eles. O que nos mostra Pêcheux é que há um cruzamento do *logicamente estabilizado* com o *irremediavelmente equívoco* pelo deslizamento de sentidos, pelo trabalho da linguagem que institui *uma* possibilidade de acesso ao real. Ao buscarem definir o público-alvo das medidas assistenciais por características documentáveis, os programas sociais criam uma conjunção de faltas, de necessidades comprováveis, de classificações. Sabemos, entretanto, que o espaço das necessidades é equívoco e os critérios dos programas assistenciais transbordam essa contradição tendo que se haver com a instabilidade da necessidade (famílias, jovens, crianças *em situação* de vulnerabilidade, de risco social, de rua, de risco pessoal...). Pêcheux coloca em questão a ilusão de que em espaços logicamente estabilizados “os enunciados refletem propriedades que se inscrevem, transparentemente, em uma descrição adequada do universo” (1983, p. 31). Esse efeito de evidência nos faz compreender que o social se *constitui* na diferença, diferença que circula mesmo em espaços que buscam conter sua formulação.

Tratar o social na cidade como fazem a lei e as políticas assistenciais (através de programas de intervenção e métodos compensatórios destinados a grupos minoritários e comunidades desfavorecidas) significa se empenhar em resolver desvios

pela supressão de desigualdades, desigualdades “que não são de nenhum modo imperfeições lastimáveis das sociedades industriais, mas [...] desigualdades estruturais, inerentes à própria essência do modo de produção capitalista” (PÊCHEUX, 1977). Considerando que a tensão das relações sociais constitui o espaço da cidade, busco dar visibilidade para uma relação sujeito-espaço exposta ao movimento dos sentidos possíveis na atual estruturação social e espacial urbana. Podemos dizer que o cruzamento de ruas possibilita um encontro de conflito(s) confrontando a segregação social com a junção espacial nesse *amontoado de sujeitos*: as técnicas urbanas dão brechas para esse confronto (NUNES, 2006). De meu ponto de vista, procuro dar visibilidade para esses embates. Cruzamentos de ruas e sujeitos, margens do espaço e dos sentidos.



Colocar essas imagens em conjunto é tomar uma posição frente ao modo como a cidade se mostra: conjunção e repetição de ruas, faixas, carros, gestos, posturas, sujeitos. Uma posição que dá visibilidade a um meu gesto de interpretação enquanto analista permitindo falar do sujeito e do espaço na cidade para além do um, do caso, da classe. Esse gesto está marcado no modo de composição do *corpus*: ao sobrepor, reorganizar, recortar os limites estou chamando a atenção para o modo como se dá a

relação de sujeitos e espaços nos cruzamentos urbanos: profusão, conjugação, dispersão. As imagens que compõem o *corpus* derivam desse olhar para a cidade em dizeres *sobre* a cidade, textualizações de seus modos de circulação nos cruzamentos, nos espaços de *entre-meio*. As imagens que analisei foram tomadas de jornais (Folha de S. Paulo e Correio Popular), sites de busca (as palavras de entrada foram: cruzamento, sinal de trânsito, calçada, faixa de pedestres), exposições fotográficas (D. Ryo e A. Louzas, 2004) e fotografias pessoais. A *montagem* delas é um gesto analítico que textualiza: recorta e sobrepõe, agrupa e retoma, mostrando que o espaço impõe um enquadramento, uma circunscrição de sentidos na relação com o sujeito.

A montagem acima expõe uma relação com a cidade que passa pelos sentidos de permanência e trânsito (de quem?) nos espaços de *entre-meio* da cidade. Segundo Nunes (2006), os cruzamentos urbanos trazem um amontoado de sujeitos (produzindo um *amontoado* de interpretações do espaço) *que rompe o ritual cotidiano do trânsito*. Ainda segundo o autor, “aquilo que funciona, em princípio, para a organização do trânsito, condiciona o contato [...], contato [...] marcado pela *desigualdade social* e pela produção de sentidos que metaforizam a *distância* entre os sujeitos”. Margem, meio, rua. A *margem* está no *meio*. O sujeito é a margem no espaço. Não é mais a faixa. A marca (de tinta, de água, de vultos) é o sujeito. O que *estar na rua* significa para o sujeito? *O outro passa por ele*. E passa pela calçada, pelo meio e pela beirada da rua. Esses sujeitos *na* rua formulam contraditoriamente uma relação com o outro. Ao mesmo tempo em que esse *outro-transeunte* passa por quem está na rua, quem está na rua passa – *intransitivamente* –, ficando. Passa um corpo caído na sarjeta, passa um corpo fletido na calçada, passa uma cadeira de rodas, passa um rosto debruçado no vidro do carro. Passa e fica. Essa passagem *daquele* que está na rua é também uma passagem *por* aquele que está na rua.

Os sentidos de *margem* nos cruzamentos se colocam simbólica e materialmente como um espaço de contradição na cidade. Espaços e sujeitos que instauram o outro, o limite,

a borda, a fronteira, a soleira da porta, o meio fio, o degrau, a beira, o buraco, a exterioridade que está-já no interior enquanto possibilidade de significação no urbano da cidade. Os sentidos de margem materializados nos cruzamentos opacificam o espaço da cidade e o sujeito que nele se espacializa, delimitando e abrindo a possibilidade de fazer da rua um *espaço e um não-espaço* para esse sujeito. O sentido *espacial* da margem determina um seu sentido *social* no entrecruzamento da cidade com o sujeito que a ocupa. Quando transitamos pela cidade nos deparamos com pontos de parada e fluxo, estabilização e circulação nas ruas: seguir na cidade demanda uma interrupção pelo próprio modo de organização urbana (esquinas, placas, sinais, faixas, semáforos). Parada no fluxo, emergência do social. *Você reparou a quantidade de pedintes nos semáforos da cidade?*¹ *Aí* (uma indeterminação posta pelo jogo entre o aqui, o ali, o lá): a *distância* social se marca. Está na rua. No espaço, *entre*. No meio.

A circulação possível da cidade em nossa organização social, uma circulação determinada pelo urbano, significa o espaço de forma a conter – *polissemicamente* – uma dispersão. É nesse sentido que enfocamos o cruzamento como espaço de contradição, de *contenção* na cidade, como sintoma de uma urbanidade *incontida*, de uma urbanização que não cabe na cidade e na qual a cidade não cabe. Nesse meu percurso, o conceito de *texto* se mostrou fundamental. Trabalhar a cidade enquanto texto possibilitou um trânsito nas diferentes materialidades, uma relação de contradição entre língua, imagem e margem: *linguaima(r)gem*, intrinsecamente. É assim que o simbólico faz a cidade significar; o sujeito aí também forja seus espaços, seus sentidos. Reformulando um verso da música “Casa Cheia” dos Detentos do Rap, eu diria que bem no meio da cidade *dá e não dá* pra ver. O olhar se estilhaça, se esquiva. Refrata o modo como o urbano textualiza o social: o pedinte, o vendedor, o morador, o trabalhador de rua ressignificam a técnica estendendo os sentidos de margem nos cruzamentos da cidade, transbordando os modos de estar na rua.

¹ *Correio Braziliense*, 08 de novembro de 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LAGAZZI-RODRIGUES, S. (2003) Percursos que se cruzam. Leituras que se abrem. Em: ORLANDI, E. (org.) **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas: Pontes, 2003.
- NUNES, J. H. (2006) Escrita e subjetivação na cidade. Em: MARIANI, B. (org.) **A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise**, São Carlos: Ed. Claraluz, 2006.
- ORLANDI, E. (org.) **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas: Pontes, 2003.
- _____. **Discurso e texto**. Campinas: Pontes, 2001.
- _____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. N/O limiar da cidade. Em: **Revista Rua nº. especial**, Campinas: Labeurb/ Nudetri /Unicamp, 1999.
- ORLANDI, E. e RODRIGUES-ALCALÁ, C. A produção do consenso nas políticas públicas urbanas: entre o administrativo e o jurídico – CAeL. Projeto Temático Fapesp. Em: **Escritos nº. 08**, Labeurb/ Nudetri/ Unicamp, 2004.
- PÊCHEUX, M. (1969) Análise automática do discurso. Em: GADET, F. e HAK, T. (org.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
- _____. (1983) **O discurso – estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.
- PÊCHEUX, M. e GADET, F. (1977) Há uma via para a lingüística fora do logicismo e do sociologismo? Em: **Escritos nº. 03**, Labeurb/Nudetri/ Unicamp, 1998.